

Jornal

AJIIndo

Ação de Jovens Indígenas de Dourados

DOURADOS-MS
EDIÇÃO ESPECIAL Nº 28
NOVEMBRO / DEZEMBRO DE 2011

XI edição do evento aconteceu em Porto Real, no Estado do Tocantins, entre 5 e 12 de novembro. Representantes da AJI estiveram presentes.

Jogos dos Povos Indígenas

5

. Artesanato Indígena em Dourados

3

. O que é a ODIN?

9

. Participação da Escola Francisco Meireles

8

. Lançamento de livro em SP

Escolas Indígenas e Democracia

Izaque de Souza

Durante longos anos as escolas indígenas foram gerenciadas por pessoas indicadas pelo município, geralmente um não-índio. Na década de 1990, a Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu foi a primeira da Reserva Indígena de Dourados (RID) a ser gerenciada por diretor indígena. No dia 18 de novembro, as escolas indígenas da RID – Tengatui, Ramão Martins, Araporã, Agostinho e Lacu'i Roque – passaram pelo processo de eleição para eleger diretores para o período 2012 a 2014.

A comunidade escolar indígena teve o direito de indicar um índio para a função, que vai assumir a direção da escola pelo período de dois anos. É o profissional indígena conquistando seu espaço.

É a conquista da democracia da edu-

cação escolar indígena, após muita luta de professores e lideranças indígenas na esfera política, apoiados pela Constituição de 88, pelo Parecer 14/99 do CEB/MEC e pela criação de categoria Escola Indígena, pelo município.

No início de cada ano letivo, gerava-se intensa especulação entre professores indígenas interessados, seduzidos pela envergadura que o cargo reluzia na sociedade. As reuniões eram exaustivas, muitos queriam “mandar”. Essa era a visão que se tinha sobre direção de escola. Nesse ínterim, fomentava-se a política de se regulamentar a função de diretor das escolas indígenas.

A Associação dos Profissionais da Educação Escolar Indígena de Dourados (APEEID), juntamente com o Núcleo de Educação Indígena da Semed (Secretaria Municipal de Educação), iniciou o processo de discussão para que isso fos-

se efetivado. E precisamente no dia 20 de outubro deste ano saiu o dispositivo legal, no Diário Oficial nº 3.089, resolução nº 254 20/10/2011, que veio brindar a comunidade indígena, outorgando-lhe autonomia para que possa, daqui para frente, escolher o profissional devidamente capacitado para administrar a política educacional na aldeia.

A faca e o queijo estão nas mãos da comunidade indígena. Aumenta a responsabilidade para que educação de qualidade seja de fato oferecida aos alunos. A APEEID, deseja sucesso a todos os diretores e diretoras eleitos. Que Deus os ilumine a todos, dando sabedoria na condução dessa tarefa difícil, porém humanamente gratificante.

** Especialista em Gestão Escolar, presidente da APEEID e Diretor da EMI Lacu'i Roque Isnard.*

Arte e cultura indígenas de MS: Interagindo com sua própria história

Os professores Osvaldo (Artes) e Simone Godoy (Inglês), da Escola Francisco Meireles, desenvolveram o projeto “Arte e Cultura do Mato Grosso do Sul: Interagindo com a sua própria história” com os alunos do 9º ano A e B.

No dia 11 de agosto, o projeto foi finalizado com uma viagem a Campo Grande. O passeio pedagógico pro-

porcionou aos alunos e professores momentos gratificantes, como a visita à Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), onde os alunos puderam conhecer o laboratório de anatomia, a biblioteca, o laboratório de história entre outros, incentivando a continuidade de seus estudos.

Outro momento marcante foi a visita ao Museu do índio,

um lugar fantástico e repleto de objetos da cultura indígena. Para finalizar o passeio, visitamos o aeroporto, espaço em que os alunos puderam ver na prática a aplicação do uso da língua inglesa.

O projeto contou com a colaboração dos professores Eduardo (História), Pedro (Português), Olinda (Português) e Karla (Ciências), assim como

da coordenadora Eunice e da Nilva (da Secretaria Municipal de Educação).

Foi um momento muito gratificante, que proporcionou aos alunos a oportunidade de ampliar sua vivência, conhecendo outros lugares, trocando informações e experiências. Além de proporcionar vivência de situações que ilustram os temas aprendidos na escola.

Jornal AJIndo
Ação de Jovens Indígenas de Dourados

www.ajindo.blogspot.com / e-mail: ajidourados@yahoo.com.br

O Jornal AJIndo é uma publicação da Ação Jovens Indígenas, da Reserva Indígena de Dourados, produto da Oficina de Jornalismo sob a orientação da jornalista Natália Costa.

Tiragem:
1.000 exemplares

Editoração e Produção Gráfica:
Jadson Yamasaki - 9977.3682

Fotolito e Impressão:
Editora Ferjal Ltda
Fernandópolis - SP

USO DA INFORMAÇÃO: O conteúdo do Jornal AJI pode ser livremente utilizado e reproduzido em qualquer meio de comunicação impresso, radiofônico, televisivo e eletrônico, desde que acompanhado dos créditos gerais e da assinatura dos responsáveis pelas matérias reproduzidas.

EXPEDIENTE



Foto: José Cruz/ABR



Observatório de Direitos Indígenas

Órgão criado em fevereiro deste ano oferece auxílio a indígenas com relação a questões jurídicas

Ana Cláudia de Souza*

O Observatório de Direitos Indígenas Regional do Centro Oeste (ODIN) foi lançado em Dourados em 25 de fevereiro de 2011. O ODIN é uma rede articulada de advogados bacharéis e estudantes de Direitos Indígenas, cujo objetivo principal é oferecer as condições necessárias para que esses profissionais possam agir de maneira eficiente nos locais onde atuam.

A criação desse órgão foi motivada pelo grande número de casos de violação aos Direitos Indígenas e suas comunidades, pela carência de dados sobre a situação dos Povos Indígenas no Brasil em relação às leis nacionais e internacionais e também pela necessidade de trabalhar a formação do profissional indígena do direito, formando um centro de referência e apoio a esses profissionais.

Atualmente, o ODIN/Centro Oeste é coordenado pelo advogado indígena Wilson Mattos da Silva e assessorado pelos bacharéis em Direito Arildo França e Genivaldo da Silva Vieira, ambos Terena. A atuação do órgão em Dourados se resume basicamente em três frentes.

A primeira delas é a orientação a indígenas que buscam acesso a direitos previdenciários tais como: auxílio doença, auxílio acidente, aposentadoria es-

pecial, auxílio natalidade e auxílio reclusão, além de realizar encaminhamentos para a rede de assistência social do município.

A segunda frente de atuação refere-se à orientação de indígenas para o exercício pleno de sua cidadania e a conquista de seus direitos. Nesse sentido, são acompanhados casos para obtenção de documentos civis, transferência do Registro Administrativo Nacional Indígena (RANI) - documento emitido pela Funai com pouco reconhecimento fora das aldeias - para a certidão civil, obtenção de certidões negativas criminais para ingresso no mercado de trabalho, dentre outros.

Por fim, o ODIN/Centro Oeste tem se dedicado a combater o preconceito e a discriminação contra indígenas na região. Essa ação se concretiza por meio da atuação do advogado indígena e coordenador do ODIN/Centro Oeste, Wilson Matos da Silva na defesa de indígenas que são vítimas de processos de criminalização, assim como por meio de defesas preliminares, acompanhamento de audiências e apresentação de requerimentos, alegações finais, recursos em juízo e apelações, dentre outros.

Algumas ações que o ODIN

vem desenvolvendo atualmente:

* Apoiar processos de capacitação

para advogados indígenas através de cursos de atualização jurídica e especializações, oferecidos pelo CINEP e por instituições de ensino jurídico.

* Propiciar intercâmbios nacionais e internacionais para formação e aperfeiçoamento acadêmico.

* Capacitar e articular observadores e defensores dos direitos indígenas.

* Criar e manter um banco de dados sobre a aplicação dos direitos indígenas no Brasil.

* Formar grupos de estudos para tratar de temas jurídicos de interesse das comunidades indígenas.

* Produzir e publicar material específico sobre os direitos indígenas.

* Acompanhar o andamento de projetos de lei, políticas públicas e propor ações judiciais.

* Fortalecer a aplicação dos direitos costumeiros dos povos indígenas.

O escritório do ODIN/Centro Oeste está localizado em Dourados, na Rua Ciro Melo nº 986, Centro. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 7h às 11h e das 13h às 17h.

**Esta matéria foi elaborada com a atenção especial do advogado indígena Wilson Mattos da Silva e dos bacharéis em direitos Arildo França e Genivaldo da Silva Vieira.*

Mais um líder indígena assassinado no conflito de luta por terras (Tekohá), desta vez em Amambai (sul de MS). Exigimos que a justiça seja feita e os culpados sejam punidos. Somos cidadãos e queremos justiça!

O Contexto Linguístico nas aldeias Bororó e Jaguapirú

*João Machado **

Num olhar geral e superficial do contexto linguístico das comunidades Guarani (Nhandeva e Kaiowá) e Terena das aldeias Jaguapirú e Bororó, que compõem a Reserva Indígena de Dourados, o falar cotidiano é uma língua híbrida-Jopara, com expressões linguais indígenas e do português. O Universo linguístico local é composto por sujeitos bilíngues – falantes da língua indígena e do português – e os monolíngües – falantes somente do português ou somente da língua étnica.

A negação da valorização das línguas indígenas é histórica. O estabelecimento do ensino público, nos moldes dos não-índios foi o principal responsável pela omissão e falta de sensibilidade, por não colocar nos currículos uma prática pedagógica linguística na língua materna.



Nos dias atuais, as escolas indígenas das aldeias não possuem um projeto ou prática bilíngue, com valorização e manutenção das línguas nativas, uma evidência disso são os altos índices de evasão e reprovação dos alunos, principalmente os Guarani Nhandeva e Kaiowá. Se educadores indígenas não atentarem para esse dilema, as línguas autóctones podem ser simplesmente substituídas

pela língua dominante portuguesa.

As escolas das aldeias devem replanejar, rever suas práticas pedagógicas e implementar um currículo diferenciado, específico e atento para o ensino tanto das línguas indígenas quanto da língua dominante portuguesa, para não prejudicar os discentes.

Numa comunidade indígena a língua nativa faz parte da cultura. A sociedade, as lideranças e os educadores são responsáveis pela propagação dessa essência cultural. A perda e o desaparecimento de uma língua de um povo é deixar acontecer o empobrecimento de uma nação.

** professor da Escola Tengatui Marangatu, na Reserva Indígena de Dourados e mestrando em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - joao.tengatui@gmail.com*

Saúde Indígena em discussão

Autoridades dizem que investimentos serão feitos, funcionários e pacientes aguardam melhoras no atendimento

Jaqueline Gonçalves

A saúde dos povos indígenas está em discussão na mídia. Foi no Jornal Nacional, em novembro de 2011, a situação em que se encontra a saúde dos índios Guarani-Kaiowá, Guarani-Nhandeva e Terena de Mato Grosso do Sul, mais especificamente em Dourados, onde se encontra a segunda maior população indígena do país.

A transição da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) para a Sesai (Secretaria de Saúde Indígena) está gerando muita polêmica, mas era o esperado. A Funasa atuava desde 1999 como responsável pela saúde indígena, agora a Secretaria de Saúde Indígena está assumindo essa grande responsabilidade.

A população indígena espera melhoras, os trabalhadores da saúde aguardam melhoras, reivindicam melho-

res condições de trabalho, reformas de postos de saúde, entrega de medicamentos, condições para que possam trabalhar em campo, melhoria de salário e outros.

O prefeito de Dourados, em entrevista à TV Morena (retransmissora local da Rede Globo) disse que há dinheiro a ser investido para a melhoria na saúde indígena e que já está no papel tudo o que será feito.

Em entrevista à emissora de rádio 92,1 FM, o presidente do Conselho Distrital da Saúde Indígena Fernando de Sousa disse que toda essa mudança é para que haja uma saúde de melhor qualidade para a população indígena.

Independentemente de tudo isso, os índios aguardam melhoria na saúde e que o dinheiro da SAS (Secretaria de Atenção à Saúde), que vai ser investido na parte material da saúde indígena, seja bem aproveitado para que os indígenas tenham o cuidado que merecem com sua saúde.



Vivendo de arte

Casal da Reserva Indígena de Dourados tem sua renda mensal baseada na produção e venda de artesanato

Fernando Junior

No Brasil há diversas etnias indígenas e cada uma delas tem um modelo de artesanato diferente. Muitos povos indígenas fazem do artesanato o seu sustento, vendendo para turistas ou admiradores da arte indígena. Na Reserva Indígena de Dourados não é diferente e, apesar de serem poucas, ainda temos pessoas que produzem artesanato.

Na aldeia Jaguapiru, localizada na Reserva Indígena de Dourados, se encontra um casal que dedica boa parte de suas vidas ao artesanato e atualmente vive dessa produção.

"Antigamente, por não termos conhecimento, sermos inexperientes nós ganhávamos uma renda de praticamente nada. Mas com a persistência e a força de vontade, hoje vivemos bem: temos um carro, uma casa e tudo o que temos dentro dela foi comprado com a renda do artesanato", afirma a artesã Claudia Gonçalves Nunes.

O artesanato também exige muito capricho e qualidade, pois é através disso que ele será exposto. É preci-

so ter um cuidado especial com ele, desde a seleção das peças que serão utilizadas ao acabamento do produto.

"Nosso artesanato também tem que ter qualidade, pois não adianta a pessoa ter o produto, mas não ter a qualidade. Por isso nós sempre procuramos caprichar, fazer tudo perfeito para sempre termos uma referência. Nós procuramos selecionar as peças: trabalhamos com as sementes que estão bonitas e não utilizamos as que estão estragadas", complementa Cláudia.

Essas pessoas escolhem produzir artesanatos, muitas vezes, porque não conseguem ter um bom emprego e, então, a produção do artesanato lhes garante renda e qualidade de vida.

"Eu comecei a trabalhar com artesanato há 11 anos. Eu trabalhava na cidade e o trabalho na cidade é complicado para nós que não temos estudo suficiente. Então eu comecei a trabalhar com artesanato aos poucos e, hoje em dia, a nossa renda é bem melhor do que se trabalhássemos como empregados. E também ficou bem mais fácil para mim, porque eu não tenho estudo suficiente para



poder me empregar em alguma empresa", declara o artesão Valdelírio Pontes Junior.

O casal explica que o artesanato possui dois processos: o de produção e o da exposição. A produção é a criação e a modelagem do produto e a exposição é a apresentação, demonstração ou venda do produto. Para ser exposto, o artesanato deve possuir uma variabilidade de produtos, ou seja, deve haver vários tipos de artesanato diferentes.

"Nós vendemos o artesanato nos eventos, para as pessoas e turistas que vêm participar desses eventos. E tam-

bém na loja de economia solidária [no centro de Dourados] e em outros lugares", afirma Valdelírio.

Para Cláudia e Valdelírio, a vocação é fundamental na vida de um artesão. Para eles, é o que faz de uma pessoa um artesão, pois é através da vocação que tudo começa.

"Eu acho que produzir artesanatos é a minha vocação. Quando eu trabalhava de marceneiro, eu pegava qualquer pedaço de madeira que sobrava e começava a modelar, aí eu peguei essa vocação e fui melhorando e hoje eu já não a largo mais", finaliza Valdelírio.

Acesse o site da AJI:

www.jovensindigenas.org.br

Joões em Ação

Indianara Ramires Machado

Durante a 11ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas, na cidade de Porto Nacional em Tocantins, foi realizado o Fórum Indígena, entre os dias 6 e 9 de novembro. As jovens Ana Cláudia e Indianara Guarani, membros da AJI (Ação dos Jovens Indígenas de Dourados), participaram desse fórum como comentaristas do debate sobre a juventude e registrando os momentos.

Foram debatidos temas como igualdade social e direito da mulher indígena; direito indígena – identidade, cultura e educação; economia verde, povos indígenas e a Kari-oca; PELC- Esporte; tradição e afirmação étnica. E nós, jovens indígenas, realizamos um debate sobre temas considerados relevantes para que a juventude conheça e compartilhe.

No nosso encontro, ao qual demos o nome de “Encontro Jovem”, foi realizada uma apresentação cultural da etnia Pataxó. Além disso, nos dividimos em grupos de trabalho para prepararmos um manifesto de apoio aos parentes afetados pela construção de usinas hidrelétricas e para integração, interação e rodas de discussão.

Foram momentos de celebração com os parentes vindos de todas as regiões do país. E também momentos de partilha, em que tivemos com jovens indígenas de outras etnias, conhecendo suas realidades.



Além de competições esportivas, a 11ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas também teve momentos de discussão envolvendo jovens; representantes da AJI marcaram presença

Mensagem da Juventude elaborada durante os Jogos dos Povos Indígenas

Nós, jovens participantes da XI edição dos Jogos dos Povos Indígenas, manifestamos em nome de todas as etnias presentes nosso apoio aos parentes afetados pela construção de usinas hidrelétricas e o repúdio à desapropriação de terras indígenas para grandes empreendimentos que afetam de modo irreversível a natureza e o nosso modo de vida, principalmente os parentes prejudicados pela Usina Belo Monte, que já estão em luta há mais de 30 anos contra este desastre.

Rica experiência



Zuleica Tiago Terena

Como enfermeira formada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), participei da organização dos Jogos dos Povos Indígenas, atuando na equipe de saúde, oferecendo assistência a cerca de 1300 indígenas de 38 etnias de todas as regiões do Brasil. A participação na 11ª edição do evento, que ocorreu em Por-

to Nacional (TO) entre os dias 5 a 12 de novembro, foi possível graças ao convite do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena, coordenado por Samira Tsibodowapré e pelos irmãos Marcos Terena e Carlos Terena.

Foi muito emocionante e gratificante participar desse evento que integra tantas etnias, pois trabalhei com muito prazer e honra para os povos indígenas.

Índigena formada em Enfermagem pela UEMS, em Dourados, atuou na equipe de saúde que prestou atendimento aos participantes da 11ª edição dos Jogos dos Povos indígenas



Prestei assistência de enfermagem no posto de saúde que ficava na arena. Muitos ficaram maravilhados por eu ser indígena. Acompanhei casos que precisaram de referência hospitalar, já que na maioria dos casos não há assistência especializada necessária em suas aldeias.

Também tive a oportunidade de cantar hino nacional na língua Terena.

Com cada indígena

atendido, tive a experiência de compartilhar as diferenças culturais, tradicionais e de sua língua, assim entrando em consenso entre a medicina ocidental e medicina tradicional. Para os indígenas, o conceito de doença-saúde é diferente, pois também recorrem à medicina tradicional. Assim dialoguei com eles sobre esse tema, que é muito importante para os povos indígenas.



Na 11ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas, todos os participantes ganham com as trocas de experiência e o divertimento das competições

A vitória é de todos

Rosivânia Espíndola*

A 11ª edição dos Jogos dos Povos Indígenas foi realizada este ano na cidade de Porto Nacional, no Estado do Tocantins, entre os dias 5 a 12 de novembro. Lá se encontraram 38 etnias para participar dos jogos. De Mato Grosso do Sul, participaram as etnias Guarani-Ñandeva, Guarani-Kaiowá e Terena.

No primeiro dia, aconteceu uma grande abertura, em que cada etnia mostrava a sua própria cultura de dança. No dia seguinte, a programação incluía jogos de futebol, tanto feminino quanto masculino, com todas as etnias disputando.

“Os Jogos dos Povos Indígenas são muito bons para a gente conhecer novas etnias do Brasil. Para mim está sendo muito legal, estou aprendendo mui-

to com os jogos”, um participante da etnia Pataxó, da Bahia, disse ao Jornal AJIndo.

Para os povos indígenas, os Jogos foram muito importantes para conhecer outras tradições de cultura e línguas diferentes.

“Eu estou gostado muito dos Jogos dos Povos Indígenas, estamos participando de cabo de guerra, futebol, laço e outros. À noite mostramos a nossa própria cultura de dança para outras etnias”, disse Márcio da etnia Javaé, da Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins.

“Para mim, os Jogos dos Povos Indígenas também estão sendo muito legais, é divertido conhecer outras etnias, suas danças, línguas. Estamos competindo todas as provas de jogo, para mim não é importante ganhar, importante é participar”, contou Rafael, da

etnia Manoki, de Mato Grosso.

Os Jogos dos Povos Indígenas são uma interação entre os povos indígenas, não só com os jogos, mas também com troca de cultura. Várias modalidades são disputadas, como futebol, cabo de guerra, natação, corrida, flecha, lança, entre outras. O evento é considerado um dos maiores encontros esportivos e culturais de povos indígenas do continente americano.

As 38 etnias diferentes que participaram dos Jogos dos Povos Indígenas são de vários Estados. “Ao final, todas as etnias são vencedoras”, disse Luciano Gomes, da etnia Karajá Xabiova, do Tocantins.

** é membro da AJI e participou dos Jogos dos Povos Indígenas, em Porto Nacional.*

Nossos olhares sobre a cidade

AJI lança, em São Paulo, terceiro livro da série "Nossos Olhares"

Dhenelis Oliveira

No dia 28 de setembro, foi lançado em São Paulo o terceiro livro de fotografia da AJI (Ação dos Jovens Indígenas), da série "Nossos Olhares". O lançamento aconteceu no Museu Brasileiro de Escultura (MuBE) e contou com a presença de cerca de 50 pessoas, além dos fotógrafos indígenas autores do livro.

Com o título "Nossos Olhares sobre a Cidade", o livro contém fotos de sete jovens indígenas da Reserva de Dourados (RID) e é fruto de uma oficina ministrada pelos professores Ana Cláudia de Souza, Jaqueline Gonçalves e Emerson Machado, também jovens indígenas de Dourados.



Os dois livros anteriores, "Nossos Olhares" e "Nossos Olhares sobre o Futuro", também eram compostos por fotos tiradas por jovens indígenas da RID, mas as oficinas haviam sido ministradas por não-índios.

O livro foi produzido

por jovens que nunca tinham usado uma máquina fotográfica e os que já haviam tido essa experiência não sabiam fazer o uso correto do aparelho. Com a oficina, os jovens tiveram a oportunidade de aprender técnicas e souberam fazer

o uso correto da máquina fotográfica. E isso os ajudou muito.

O livro "Nossos Olhares sobre a Cidade" teve como autores: Fernando Júnior, Rosivânia Espíndola, Rosiane Espíndola, Tânia Porto, Suelem Nascimento, Dhenelis Oliveira e Natanieli Fernandes.

A viagem para São Paulo foi muito boa para todos. Muitos dos jovens nunca tinham saído de Dourados para outro lugar, essa foi a primeira oportunidade de conhecerem uma cidade grande.

No dia seguinte ao lançamento, o grupo fez passeios no centro de São Paulo, foi ao Masp (Museu de Arte de São Paulo), um museu muito importante, e visitou alguns outros lugares.



Jaqueline Gonçalves

Na Reserva Indígena de Dourados (RID), há aproximadamente 15 mil índios das etnias Guarani-Kaiowá, Guarani-Ñandeva e Terena. Boa parte dessa população possui apenas os documentos da Funai (Fundação Nacional do Índio) e não possui o RG (Registro Geral), emitido pela Secretaria de Segurança Pública de cada Estado.

Assim, muitos indígenas da RID têm como documen-

Sem documentos

Indígenas aguardam entrega de documentos civis que foram feitos em mutirão este ano

to de identificação somente o registro de nascimento. Com o passar dos anos, no entanto, o registro de nascimento não tem tido serventia para outros fins, a não ser dentro da Reserva.

Hoje em dia, para se abrir conta em banco, fazer crediário em loja, viajar para fora do país e várias outras situações, o documento de identidade exigido do cidadão indígena é o RG.

Em 2011, a Funai realizou, em parceria com cartórios de Dourados e da região, um mutirão na Reserva Indígena de Dourados para a comunidade fazer seus documentos de identificação, como CPF, RG, carteira de trabalho e título de eleitor. E

foram marcadas datas para a entrega desses documentos aos indígenas.

Mas nem tudo aconteceu como se esperava: nem todos os indígenas receberam seus documentos. O que houve foi que os cartórios de fora da cidade de Dourados não entregaram os documentos e quem precisa hoje dos documentos tem que ir atrás.

Um exemplo da importância dos documentos para os indígenas é o acesso ao auxílio-maternidade. Para conceder esse benefício a uma mãe, exige-se o registro de nascimento da criança. Porém, para a mãe poder tirar esse documento no cartório, ela precisa ter seu próprio RG.

Muitas mães indígenas estão perdidas depois do mutirão realizado pela Funai, pois além de não terem seus documentos civis entregues em mãos, elas não sabem em que cartório estão. Outro problema é que a maioria não tem condições de ir buscar os seus documentos nos cartórios fora da cidade de Dourados. Com essa falta de documentos, está complicado receber o auxílio-maternidade, um direito de toda mãe indígena maior de idade.

A comunidade indígena espera que os documentos sejam entregues porque precisa deles, já que os documentos cedidos pela Funai não têm tido muita serventia.

Participação da Escola Francisco Meireles

Entrevista com profissional de arremesso de Lança Laucídio Flores

Laucídio Flores fala sobre suas conquistas como bi-campeão nacional de arremesso de lança e a oportunidade de ter sido um dos dois atletas que conduziu a tocha olímpica em 2007

A equipe do jornal escolar Francisco Meireles foi muito bem recebida pelo indígena da etnia Terena Laucídio Flores, especialista em arremesso de dardo e lança. Flores contou um pouco sobre sua experiência com o esporte, suas conquistas, como bi-campeão nacional de arremesso de lança e a oportunidade de ter sido um dos dois atletas que conduziu a tocha olímpica, em 2007, representando o estado de Mato Grosso do Sul.

Podemos notar que o arremesso de lança, é o forte da família Ribeiro Flores, pois Laucídio afirma que hoje o rival que ele mais teme é seu próprio irmão, Rocleiton Ribeiro Flores, atual campeão do, Jo-inpa (Jogos Indígenas do Panambizinho).

No decorrer da entrevista, o atleta aproveitou para deixar uma mensagem para os jovens indígenas, incentivando a prática e a valorização dos jogos, principalmente os tipicamente indígenas.

A equipe do jornal escolar aproveitou para pedir uma aulinha de arremesso e fomos atendidos prontamente, tornando a entrevista também em um momento de diversão!

A equipe do jornal escolar contou com a presença dos repórteres Leandro e Jessé; do cinegrafista Emerson Rossati, da editora-chefe teacher Simone e seu esposo Manoel.



Entrevista exclusiva com Zico



Escola Francisco Meireles marca presença na entrevista coletiva concedida por Zico, em sua vinda a Dourados

A equipe do Jornal escolar Francisco Meireles esteve presente na coletiva concedida pelo ex-jogador do flamengo e da seleção brasileira, Artur Antunes Coimbra, conhecido popularmente como Zico. Galinho de ouro, um outro apelido de Artur Coimbra, esteve na cidade de Dourados, no dia 19 de maio, para inaugurar a escola de futebol Zico 10 e para um amistoso entre Master Zico e Master Dourados. O jornal escolar Francisco Meireles teve oportunidade de participar da coletiva com duas perguntas.

Foi perguntado, então o que o esporte traz de benefício para os jovens atletas e Zico respondeu que os benefícios são muitos. Ele deu o exemplo de Paulo Henrique, o Ganso, jogador do Santos, que foi descoberto em uma escolinha de futebol.

A outra pergunta foi se há a possibilidade de inaugurar uma escolinha de futebol na Reserva Indígena de Dourados. Ele disse que depende dos resultados da escolinha que estava sendo inaugurada, se tudo der certo, ele não descarta a possibilidade de implantar uma escola de futebol na Reserva.

Além de participar da coletiva, a equipe marcou sua presença no amistoso e ficou muito alegre de ver a Reserva Indígena representada na partida pelo professor Anderson Mamede, professor de educação física da Escola Francisco Meireles, como jogador do time Master Dourados.

Foi um dia inesquecível para a equipe do jornal escolar, que contou com a presença dos seguintes integrantes: Mariléia, Crislaine, Leandro, Ivanio e Jessé, alunos do 9º ano B, e Diod, aluno do 8º B, além da editora-chefe teacher Simone e o diretor da escola Cícero Griff.

Uma douradense no Reino Unido

Jornal escolar Francisco Meireles entrevista Eliane Oliveira Santos, que vive em Liverpool, na Inglaterra

Na aula de língua inglesa, os alunos dos 8º anos A e B e os alunos do 9º ano B participaram de uma entrevista feita pelos alunos do Jornal Escolar Francisco Meireles com Eliane Oliveira dos Santos, douradense que hoje vive na Inglaterra, na cidade de Liverpool!

Ela trabalhava em Dourados, como chefe de cozinha em diversas festas e hoje

é funcionária do jogador Lucas Leiva, atual jogador do Liverpool e também da seleção brasileira. Em sua entrevista ela conta a dificuldade de viver em um país estrangeiro muito diferente do nosso, com culturas diferentes, comidas diferentes, línguas diferentes. E destaca como maior dificuldade a questão de não dominar a língua inglesa, que é falada

em Liverpool.

Foi uma entrevista muito produtiva porque os alunos perceberam a importância de se estudar a língua inglesa. E também que as oportunidades existem e muitas vezes está mais próxima do que imaginamos, portanto quanto mais preparados estivermos maiores serão as chances de realizações e sucesso!

Poesia

Valdenice F. Rolim – 6º ano B

COM ELA APRENDI

Quando eu era pequena minha avó me ensinou
A dançar guachire e guahu.
Até hoje me lembro...
Aprendi respeitar e mais ou menos cantar.

Às vezes sinto que ela está viva.
Com ela aprendi falar e cozinhar
E pegar peixe na mão
Até hoje me lembro...
Que fazíamos juntos farofa, pudim e
Remédio caseiro

DANÇA

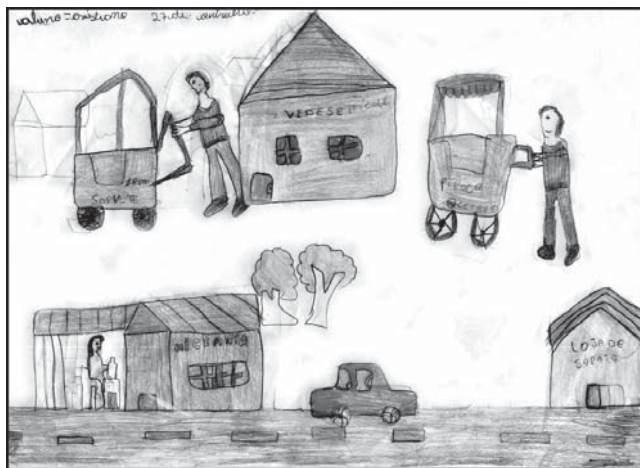
A minha dança é bonita e legal
Todo mundo gosta de dançar
Quando uma começa a dança
Todo mundo vai atrás
A nossa dança traz felicidade, sonho e paz.

O índio dança guachire
para cumprimento às pessoas que estão assistido
Ele dança, canta bem lindo
Fazendo uma roda
E todo mundo fica sorrindo.

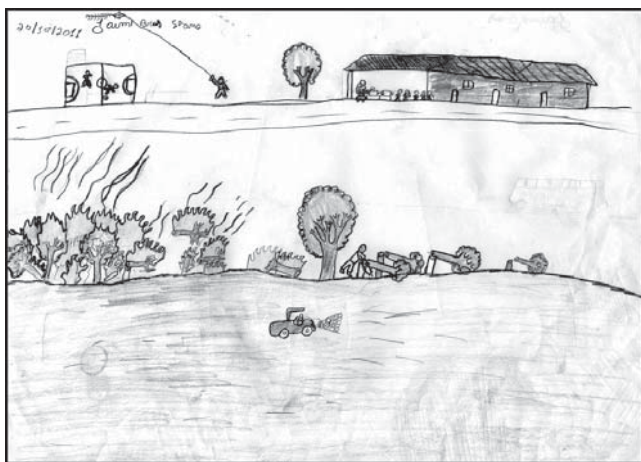
Desenhos



Edilaine Gonçalves (Oficina da AJI, tema: meio ambiente/água)



Cristiano (Escola Agostinho)



Jaime (5º Ano)



Moises (Oficina da AJI, tema: meio ambiente/água)



Dara (5º Ano - Escola Agostinho)



Mapa da Reserva Indígena de Dourados, por Anderson (Escola Araporã)

No:fas

❖ A comunidade continua cobrando o funcionamento da Vila Olímpica, que continua com as portas fechadas. Enquanto isso, os campinhos vermelhos de terra vão fazendo a alegria da criançada.

❖ Transição da Funasa (Fundação Nacional de Saúde) para Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena) provoca desorganização no atendimento à saúde na Reserva de Dourados.

❖ A AJI (Ação dos Jovens Indígenas) convida todos para participar do 2º Encontro Internacional de Jovens indígenas de MS, que acontecerá entre

os dias 27, 28 e 29 de Janeiro de 2012.

❖ Índios Guaranis, que moram em cima do aquífero Guarani, o maior do Brasil, estão sem água. As comunidades das Aldeias Bororó e Jaguapiru afirmam que a água não chega em suas moradias na Reserva Indígena de Dourados.

❖ Mais um líder indígena assassinado no conflito de luta por terras (Tekohá), desta vez em Amambai (sul de MS). Exigimos que a justiça seja feita e os culpados sejam punidos. Somos cidadãos e queremos justiça!

❖ Tenham todos um Feliz Natal! É nos pequenos gestos e atitudes do nos-

so dia-a-dia que devemos proporcionar o mínimo de alegria e compreensão a todos que nos cercam.

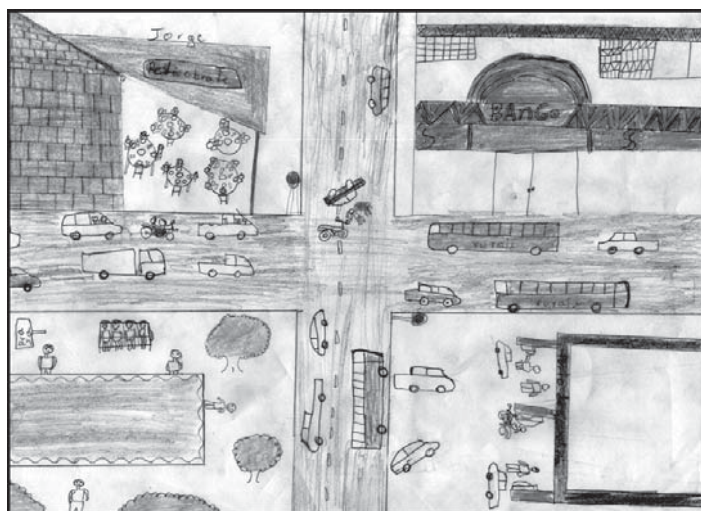
❖ Que as realizações alcançadas este ano sejam as sementes plantadas, que serão colhidas com maior sucesso no ano que chega.

❖ Eleições nas escolas elegem os seguintes diretores: Tengatui Marangatu: Aguinaldo Rodrigues; Araporã: Adriana da Silva; Ramão Martins: Norma Ricarte Carmona; Pai Chiquito: Laucídio Ribeiro Flores; Lacui Roque Isnard: Izaque de Souza; Agustinho: Romilda Francisco Gerônimo.

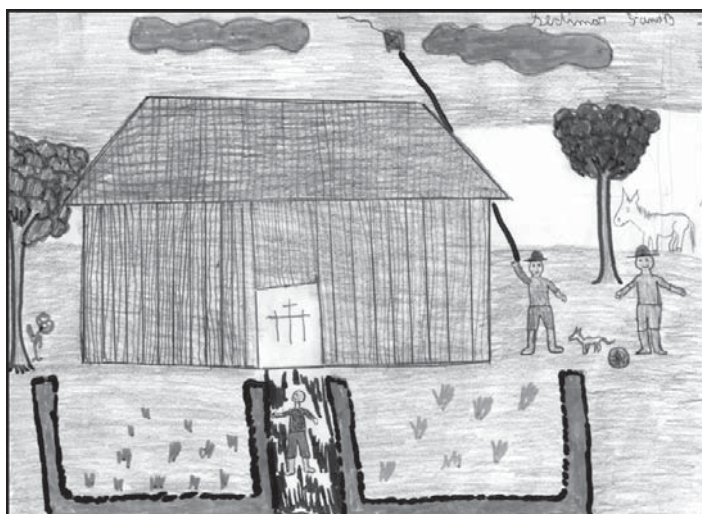
Deseñhos



Jorge 5º Ano



Jorge



Sedimar 5º Ano B



Ronaldinho 5º Ano A

FOTOS

Eventos 2011



Rosiane, uma das fotógrafas, autografa livros no lançamento do livro em Sampa



Equipe do jornal escolar da Francisco Meireles aprendendo arremesso de lança



Lançamento do livro "Nossos Olhares sobre a cidade", em São Paulo



AJI nos Jogos dos Povos Indígenas, no Porto Nacional (TO)



Manifestação pela paz na comunidade Guaviry, em Amambai (MS), após o desaparecimento do cacique Nísio Gomes



ESSA FOTO NÃO LEGENDA????????????????

Apoio

